

CARINA CARVALHAIS MATOS

PERCEÇÃO DO FUNCIONAMENTO FAMILIAR EM INDIVÍDUOS PERTENCENTES A CASAIS COM E SEM FILHOS NA PANDEMIA COVID-19



ESCOLA SUPERIOR DE ALTOS ESTUDOS

**Dissertação de Mestrado em
Psicologia Clínica**

Área de Especialização em Terapias Familiares e
Sistémicas

COIMBRA, 2022



**Perceção do Funcionamento Familiar em Indivíduos
Pertencentes a Casais Com e Sem Filhos na Pandemia
COVID-19**

CARINA CARVALHAIS MATOS

Dissertação Apresentada ao ISMT para Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia
Clínica no Ramo de Especialização Terapias Familiares e Sistémicas
Orientadora: Professora Doutora Joana Sequeira, Professora Auxiliar, ISMT

Membros do júri

Presidente: Professor Doutor Henrique Vicente, Professor Auxiliar, ISMT

Arguente: Professora Doutora Inês Pimentel, Professora Auxiliar, ISMT

Coimbra, Janeiro de 2022

Agradecimentos

Ignorância é falta de sensibilidade.

Neste percurso percebi que a formação acadêmica não nos pode afastar da ignorância, no entanto, só a educação nos pode aproximar do conhecimento. Eduquemo-nos, pratiquemos o questionamento crítico, coloquemo-nos em causa. Por um ou outro caminho, eduquemos as vontades excessivas, atentemos no que falta, sensibilizemo-nos do outro, para o outro, para o planeta, para os animais.

Exercitemos a sensibilidade.

Grata a todos os que me educaram, sabendo-o ou não. Grata por poder ser uma eterna estudante, em que muitos mestres cruzam o meu caminho para me lembrar que um título serve para se lhe dar sustento, e não para me sustentar. Grata por esta vivência. Profundamente grata à humanidade que pude presenciar em cada um de vós.

Resumo

Objetivo: Este estudo pretende analisar a percepção do funcionamento familiar de indivíduos que vivem em casais com e sem filhos, durante o contexto de pandemia por COVID-19.

Metodologia: Participaram 536 sujeitos, no período da pandemia COVID-19 em Portugal, com idades compreendidas entre 18 e os 83 anos de idade. Os instrumentos administrados foram a *Escala de Avaliação da Adaptabilidade e Coesão Familiar* (FACES-IV) e o questionário sociodemográfico e de dados complementares.

Resultados: Tanto os indivíduos que formam casal e têm filhos, como os que não têm, perceberam o seu funcionamento familiar como equilibrado na pandemia COVID-19, mas estão pouco satisfeitos com a sua família. Os participantes que têm filhos, têm percepção de uma maior coesão, flexibilidade e comunicação, e os que não têm, apresentam maior desmembrado e caoticidade. A satisfação com a família é tanto maior em famílias com 2 ou mais filhos, e os pais dos adolescentes são os que se percebem como mais flexíveis. Os indivíduos com filhos percebem-se como mais flexíveis e com uma melhor comunicação, perante a redução de rendimentos causada pela pandemia.

Conclusão: Este estudo permite concluir que os sujeitos pertencentes a casais com filhos têm percepção de melhor funcionamento familiar em comparação com os sujeitos que pertencem a um casal sem filhos.

Palavras-chave: funcionamento familiar e conjugal; crise accidental; pandemia; filhos.

Abstract

Purpose: The main objective of this study was to analyze the perception that individuals from couples with and without children have about their family functioning, during the COVID-19 pandemic.

Methodology: A total of 536 individuals, in an intimate couple relationship, during COVID-19 pandemic in Portugal, with ages between 18 and 83, participated in this study. The instruments applied were the Family Adaptability and Cohesion Scale (FACES-IV), the and the socio-demographic and complementary data questionnaire.

Results: Individuals living in a couple with children, and those who do not have children, both, perceived their families functioning as balanced, in the COVID-19 pandemic, but they are not very satisfied with their families. Participants who have children have a perception of greater cohesion, flexibility, and communication, and those who do not have perceive greater disengagement and chaoticity. Family satisfaction is greater in families with 2 or more children, and teenagers' parents are those that perceive more flexibility. Individuals with children are more flexible and have a better communication within the income reduction caused by the pandemic crises.

Conclusion: This study allows us to conclude that individuals belonging to couples with children have a perception of better family functioning compared to those who don't have children.

Keywords: family and couple functioning; accidental crisis; pandemic; children.

Índice

Introdução.....	1
Metodologia.....	8
Objetivos.....	8
Tipo de Estudo.....	8
Participantes.....	8
Procedimentos.....	13
Instrumentos.....	13
Análise Estatística.....	15
Resultados.....	16
Discussão dos Resultados.....	24
Conclusões.....	28
Referências Bibliográficas.....	29

Apêndices

Apêndice A – Consentimento Informado

Apêndice B – Questionário Sociodemográfico e de Dados Complementares

Apêndice C – Tabelas das subescalas equilibradas e desequilibradas (*FACES IV*)

Apêndice D – Tabelas das subescalas *Comunicação e Satisfação (FACES IV)*

Anexos

Anexos I – Escala de Avaliação da Adaptabilidade e Coesão Familiar (*Faces IV*)

Introdução

Cada família assume diferentes configurações, bem como, diferentes formas de se organizar enquanto sistema e face à etapa do ciclo vital em que se encontra, o que pontua o seu funcionamento e identidade e, por conseguinte, o seu grau de dificuldade no encontro com determinados eventos. Na compreensão do impacto da crise pandémica na família, enquanto evento adverso e inesperado, de natureza accidental, importa refletir sobre as características singulares desta crise, mas também sobre as particularidades de cada família, e analisá-la de um ponto de vista contextual.

Assim, este estudo pretende avaliar a perceção do funcionamento familiar em indivíduos pertencentes a casais com e sem filhos, no período da pandemia por COVID-19.

O conceito de funcionamento familiar refere-se à forma como as famílias e os casais se organizam e implica duas dimensões centrais - coesão e flexibilidade (Olson, 2011; Sanderson et al., 2009). A coesão pode ser definida pelo equilíbrio entre a independência e a união que os membros da família e do casal mantêm entre si, a partir da sua ligação emocional. Esta inclui os vínculos emocionais, a independência, os limites familiares, as coligações, o tempo, o espaço, os amigos, a tomada de decisões, os interesses e atividades de lazer (Olson, Sprenkle & Russell, 1979). Segundo Olson e Gorall (2006) a flexibilidade é a qualidade e expressão da liderança e da organização, os papéis e regras relacionais e as negociações. O conceito tem vindo a sofrer adaptações, já foi descrito como sendo a quantidade de mudança permitida na liderança, ou seja, como o sistema equilibra a estabilidade e a mudança, os papéis e as regras relacionais em resposta ao stresse situacional e desenvolvimental (Olson, 2000; Olson et al., 1979).

O Modelo Circumplexo dos Sistemas Conjugais e Familiares desenvolvido por Olson et al. (1979), descreve diferentes tipos de famílias e de casais, de acordo com a coesão e adaptabilidade que estes apresentam, e opera com base no pressuposto que as famílias e os casais progridem naturalmente através de ciclos de mudança, em resposta a exigências impostas pelo exterior e às necessidades desenvolvimentais dos seus membros.

De seguida é apresentado o Modelo Circumplexo, onde se podem observar os diferentes tipos de famílias (Figura 1).

Figura 1

Modelo Circumplexo adaptado de Olson, Bell e Portner (1992)

		← Coesão →			
		Desmembrada	Separada	Ligada	Emaranhada
Adaptabilidade	Caótica	Caótica desmembrada	Caótica separada	Caótica ligada	Caótica emaranhada
	Flexível	Flexível desmembrada	Flexível separada	Flexível ligada	Flexível emaranhada
	Estruturada	Estruturada desmembrada	Estruturada separada	Estruturada ligada	Estruturada emaranhada
	Rígida	Rígida desmembrada	Rígida separada	Rígida ligada	Rígida emaranhada

O excesso de proximidade pode potenciar o emaranhamento, o que pode conduzir a dificuldades na individuação, os elementos podem ser dependentes e reativos uns relativamente aos outros. Altos níveis de lealdade e consenso são exigidos e há pouca tolerância para espaços privados ou relacionamentos de amizade e confiança fora do casal (Olson, 2000).

O excesso de separação, potencia o desmembramento e associa-se a vínculos deficitários e baixo compromisso. Neste tipo de funcionamento existe pouca proximidade emocional e as pessoas estão mais focadas nas experiências e atividades individuais. O comprometimento com os interesses do cônjuge é limitado e os membros, muitas vezes, são incapazes de recorrer um ao outro para obter assistência, ou suporte emocional ou prático (Olson, Portner, & Lavee, 1985).

O equilíbrio é encontrado em casais separados ou ligados, que conseguem conciliar os interesses individuais e conjugais. Segundo Olson (2010), estes casais

tendem a ser mais funcionais ao longo do ciclo da vida. O mesmo autor descreve a relação separada por algum afastamento emocional, mas não tão extremo como o de um casal desmembrado. Embora, o tempo individual seja mais importante, existe tempo conjunto, alguma tomada de decisão negociada e apoio conjugal. Quanto às atividades e interesses, estes são normalmente separados, mas alguns são partilhados. A relação ligada é pautada por proximidade emocional e lealdade, o tempo conjunto é mais valorizado do que o tempo individual, há uma ênfase na união. Cada um tem os seus amigos, mas há também amigos partilhados pelo casal. A partilha de interesses é comum com algumas atividades individuais.

Pouca flexibilidade conduz à rigidez, que se caracteriza por grande controlo, sem espaço para a negociação, rigidificação de papéis e pouca flexibilidade na aplicação e/ou alteração das regras. As decisões tendem a ser impostas pela pessoa que assume a liderança (Olson, 2000).

Muita flexibilidade resulta em caos, liderança errática ou limitada, decisões impulsivas e pouco refletidas, papéis e regras pouco definidos/clarificados e que mudam com frequência (Olson, 2000). Os elementos revelam-se incapazes de criar acordos compartilhados que organizem as suas ações dentro e fora do relacionamento conjugal, não fornecendo uma base firme sobre a qual se apoiam (Olson et al., 1985).

Entre os dois extremos da adaptabilidade situam-se os casais equilibrados, os flexíveis e os estruturados que tendem a ser mais funcionais ao longo do tempo. Observa-se uma base forte de entendimento compartilhado das regras e dos papéis. A relação estruturada caracteriza-se por uma liderança democrática, com algumas negociações. Os papéis são estáveis e existe alguma flexibilidade entre os membros do casal. As regras são aplicadas e também ocorrem algumas mudanças (Olson, 2000). O funcionamento flexível é caracterizado por uma liderança igualitária e uma abordagem democrática na tomada de decisão. As negociações são abertas. Os papéis são partilhados e a mudança é fluida, quando necessária, as regras podem ainda ser alteradas e são adaptadas às fases da vida do casal e da família (Olson, 2000). Em consonância, Andolfi (2002), expressa que a ausência de regras e papéis definidos, típicos de uma escassa organização, tornam o casal caótico e o sistema imprevisível, e em contrapartida, uma excessiva organização bloqueia-o.

Segundo Falceto (1997) e Olson (2006), a comunicação é um elemento facilitador na gestão da proximidade e na promoção de mudanças nestas duas dimensões centrais do funcionamento familiar e conjugal. Sendo que esta se ilustra em duas modalidades, a verbal – o que é dito –, e a não verbal – como é dito e os gestos e expressões faciais e corporais associados, bem como o silêncio (Epstein et al., 1993).

Segundo Olson (2000, 2011), a comunicação familiar refere-se às competências comunicacionais positivas. Relaciona-se diretamente com aspetos afetivos da comunicação e resolução de problemas, logo, o respeito e a consideração, que se traduzem pela capacidade empática e a presença de escuta ativa entre os subsistemas, permitem a partilha de sentimentos sobre si mesmo, sobre a relação e sobre dificuldades vivenciadas, bem como, as habilidades de diálogo que incluem falar por si mesmo e não pelos outros, manter-se no tópico abordado dando continuidade à conversa, favorecem, por sua vez, a vertente afetiva da comunicação (Dias, 2015; Olson 2000; e Olson & Gorall, 2003). Segundo Dias (2015, p. 92), “a grande importância está na capacidade que cada um tem para induzir sentimentos de segurança nos restantes elementos”. De acordo com Gameiro (1989), parte das dificuldades que surgem nas relações familiares têm origem na “rigidificação e imutabilidade dos padrões comunicacionais” (citado em Portugal, 2013, p. 5).

Figueredo (2005), refere que a comunicação é uma dimensão crítica na relação conjugal, já que esta, segundo Fowers (1998), possibilita crescer como casal, simultaneamente através da expressão de sentimentos de amor e intimidade, e da resolução de diferenças e dificuldades que surgem na vida partilhada. O processo de formação do casal implica a conciliação do eu, do outro e da própria relação. Este exercício representa a gestão da individualidade versus sentido de pertença, que define o Nós, o terceiro simbólico, fundamental para assegurar o futuro da relação conjugal (Caillé, 1991, citado em Narciso & Ribeiro, 2009).

O contexto pandémico trouxe alterações que constituíram desafios para os indivíduos e para as suas famílias, nomeadamente o trabalho a partir de casa – teletrabalho - e a sua compatibilização com outras tarefas e desafios domésticos como a gestão e organização do espaço, a utilização das tecnologias de comunicação e informação, refeições, etc. O desemprego e uma quebra pronunciada dos

rendimentos familiares também se tornaram uma realidade desta crise (Instituto do Emprego e Formação Profissional [IEFP], 2021).

O panorama do ensino também colocou desafios, tais como, uma maior ou quase total assistência às crianças e jovens por parte dos seus pais. Os recursos externos à família ficaram mais limitados e, nalguns casos, foram mesmo inexistentes. Os avós, que por exemplo, costumavam representar uma fonte de suporte (Sampaio, 2008), passaram a ser um grupo de risco face à doença.

Além destes desafios que acarretam uma carga psicológica e emocional, surgem outros que a acentuam, como o impedimento de sair à rua em segurança e liberdade, quer seja para um simples passeio, ou para atividades que antes faziam parte do nosso dia-a-dia e que podiam constituir um recurso para lidar com as crises (Lazarus & Folkman, 1984) foram interrompidas e sem expectativa de quando seriam retomadas (Brooks et al., 2020).

Ainda com relação aos filhos, os pais divorciados têm um novo desafio, tendo de gerir as transições dos filhos entre uma casa e a outra, num período em que o contacto com diferentes grupos deve ser minimizado.

Os casais sem filhos também viveram as suas adversidades sendo uma delas a gestão da convivência permanente um com o outro. Também as atividades que eram significativas para a promoção da intimidade e conexão conjugal, como jantar fora e viajar a dois, foram impossibilitadas ou tornaram-se perigosas pela possibilidade de contágio (Stanley & Markman, 2020). Porém, para estes, o tempo em casa não significa somente uma adversidade relativamente ao espaço de convivência e diversidade de contactos, mas também uma possibilidade de proximidade, de resolução conjunta dos desafios, o que pode ser um fator protetor da saúde mental, e da relação conjugal, durante o confinamento e a longo prazo. Nesta crise, como em todas as crises, observam-se constrangimentos e oportunidades (Minuchin, 1979, citado em Alarcão, 2006).

O funcionamento familiar nas dimensões referidas é fundamental na capacidade adaptativa e de ajustamento das famílias e dos casais face à crise, quer ela seja resultante de fatores de stresse internos ou externos. Num cenário pandémico, diferentes fatores de stresse internos e externos, em simultâneo, podem, mais facilmente, marcar presença na vida das pessoas. E a configuração e estrutura da

família é relevante na forma como a crise é vivida, já que esta família pode ou não estar exposta a determinados stressores, como são, por exemplo, os casais sem filhos, que se enquadram num percurso desenvolvimental distinto.

Um estudo conduzido por Günther-Bel, Vilaregut, Carratala, Torras-Garat, e Pérez-Testor (2020) em Espanha nas três primeiras semanas de confinamento, teve por objetivo conhecer o bem-estar pessoal e relacional de 407 adultos confinados com o seu parceiro. Os casais sem filhos reportam maior coesão diádica, e os níveis do seu ajustamento diádico assemelham-se aos do resto da população antes da pandemia, enquanto, os níveis dos casais com filhos são significativamente mais baixos. As autoras referem ainda, que a qualidade das relações conjugais de casais sem filhos, não só parece não ter piorado com a pandemia, como possivelmente terá sido melhor do que se não tivesse ocorrido confinamento.

Schiavi et al. (2020), referem um decréscimo na atividade sexual dos casais durante a pandemia. Segundo este estudo, mulheres que não tinham filhos apresentaram maior capacidade para iniciar e manter uma relação sexual satisfatória da sua parte do que aquelas que tinham um ou mais filhos. Neste sentido, Panzeri, Ferrucci, Cozza e Fontanesi (2020), mencionam que a falta de privacidade que resulta da permanência constante dos filhos, está entre as principais razões por detrás das mudanças negativas na função sexual das mulheres, bem como o stresse relativo ao momento pandémico. Estas mudanças foram compreendidas pela redução da libido, da lubrificação, entre outros aspetos relativos à função sexual feminina.

Já Relvas, Portugal, Major e Sotero (2020), referem que os casais com filhos apresentam menor impacto emocional negativo do que aqueles que não têm filhos, e os indivíduos com menores níveis de depressão e stresse são os que relatam estar mais satisfeitos com as suas relações conjugais. Outro estudo, conduzido na Alemanha no pré e pós pandemia, por Schmid, Wörn, Hank, Sawatzki e Walper (2020), revelam que a satisfação com a relação tende a decrescer mais intensamente em casais sem filhos que estejam em teletrabalho ou em horário reduzido, do que em casais com filhos e do que em casais sem filhos que não sofreram alterações no formato de trabalho. Resultados no mesmo sentido são encontrados por Günther-Bel et al., (2020), segundo os valores totais da Escala de Ajustamento Diádico e dos valores do *Cuestionario de Evaluación de las Relaciones Familiares Básicas* na

dimensão da conjugalidade, o teletrabalho não contribui positivamente para o ajustamento conjugal dos casais sem filhos, como acontece com os que têm filhos, mesmo quando estes já não têm os filhos a viver consigo.

Relativamente à idade dos casais, segundo Günther-Bel et al. (2020), a conjugalidade no confinamento de março de 2020 parece ser mais funcional em casais mais jovens, quer com filhos, quer sem filhos. Sachser et al. (2021), refere que a qualidade da relação conjugal, nas dimensões ternura, comunicação e conflito, melhorou em casais mais jovens, e piorou em casais mais velhos durante o confinamento da pandemia COVID-19. Também Panzeri et al., (2020) aponta que uma diminuição na perceção geral da qualidade do casamento é encontrada em casais mais velhos, e que esta se relaciona a elevados níveis de ansiedade originados pelo medo da infeção por COVID-19 e pelo confinamento prolongado. Da mesma forma, Balzarini et al. (2020), num estudo internacional com 3593 participantes, indica que o confinamento prolongado esteve associado a reduzidos níveis de satisfação conjugal. Este estudo permitiu ainda apurar que pessoas que reportaram maior tensão financeira relacionada à COVID-19, estavam moderadamente mais propensas a reportar elevados níveis de conflito conjugal. Contudo, Milne et al. (2020), através de um estudo realizado na Irlanda indica que os casais, cujas relações não se deterioraram em consequência do confinamento e da tensão financeira associada, conseguiram tornar-se mais próximos um do outro, fazer exercício físico juntos e partilhar as tarefas domésticas.

O impacto da tensão financeira na conjugalidade vem a ser estudado em diferentes momentos anteriores à pandemia COVID-19. Os resultados revelam que quanto maior é o desafio financeiro associado ao desemprego por um dos cônjuges, tanto menores são o ajustamento e satisfação conjugais, especialmente nas áreas da coesão e consenso conjugal, do amor e do funcionamento (Cunha & Relvas, 2015); bem como, uma comunicação conjugal mais pobre (Larson, 1984; Williamson, Karney & Bradburry, 2013). A par com o desemprego, a insuficiência ou um corte significativo do rendimento e o forte endividamento, revelaram-se preditores do aumento de discussões entre os membros do casal (Coelho, 2016). E, a satisfação conjugal da mulher é tanto mais pobre, quanto maior é o período de desemprego do homem (Kinnunen & Feldt, 2004).

Não sendo claro nem linear o processo de ajustamento do funcionamento dos casais, com e sem filhos, no contexto da pandemia, este estudo pretende analisar as perceções de pessoas a viver numa relação de casal com e sem filhos sobre o funcionamento familiar quanto à coesão, flexibilidade, comunicação e satisfação.

Materiais e Métodos

Objetivos

Este estudo tem como objetivos específicos:

1) Estudar a perceção de funcionamento familiar (coesão, flexibilidade, comunicação e satisfação) de indivíduos pertencentes a casais com e sem filhos considerando as suas características e contexto sociodemográfico na crise pandémica por COVID-19.

2) Estudar a perceção de funcionamento de casais-pais (coesão, flexibilidade, comunicação e satisfação) em função do número de filhos e da idade destes.

3) Estudar a perceção de funcionamento de casais, com e sem filhos, considerando o contexto pandémico pela COVID-19 (infecção, teletrabalho, desemprego, redução de rendimentos, horas de contacto com a família, e grau de preocupação e de risco.

Tipo de estudo

É um estudo quantitativo, de natureza transversal. O seu desenho é observacional e analítico, uma vez que não se pretende intervir ou modificar qualquer característica da população estudada, procurando estabelecer uma relação entre as variáveis e não apenas descrever as suas características (Pocinho, 2012).

Participantes

Participaram neste estudo 536 indivíduos. Para os critérios de inclusão neste estudo estabeleceu-se que seriam sujeitos maiores de idade numa relação amorosa, com e sem filhos. Dos 536 sujeitos, 380 (70,9 %) são do sexo feminino e 156 (29,1 %) do sexo masculino; os participantes têm entre 18 e 83 anos ($M= 42,92$; $DP=13,00$);

o nível de escolaridade mais comum é a licenciatura (34%), a maioria trabalha por conta de outrem (64,4%) e auferem entre 1000€ e 2000€ (46,5%).

A Tabela 1 apresenta as características sociodemográficas e do agregado familiar dos participantes.

Tabela 1

Caraterização Sociodemográfica dos Participantes (N = 536)

	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min</i>	<i>Max</i>
Sexo						
Masculino	156	29,1				
Feminino	380	70,9				
Idade						
<=31	116	21,6	42,92	13,00	18	83
32-40	124	23,1				
41-46	100	18,7				
47-53	99	18,5				
54>	97	18,1				
Nível de Escolaridade						
Sem grau (saber ler e escrever)	2	0,4				
1º Ciclo	16	3,0				
2º Ciclo	20	3,7				
3º Ciclo	53	9,9				
Ensino Secundário	181	33,8				
Licenciatura	182	34,0				
Mestrado	71	13,2				
Doutoramento	11	2,1				
Situação Profissional						
Trabalhador(a) por conta de outrem	345	64,4				
Trabalhador(a) por conta própria	74	13,8				
Estudante	19	3,5				
Trabalhador(a)-Estudante	19	3,5				
Desempregado(a) com subsídio	14	2,6				
Desempregado(a) sem subsídio	26	4,9				
Reformado	39	7,3				
Rendimento mensal						
Até 500€ mensais	15	2,8				
Entre 500€ e 1000€	80	14,9				
Entre 1000€ e 2000€	249	46,5				
Entre 2000€ e 3000€	128	23,9				
Mais de 3000€ mensais	64	11,9				

Nota. *N* = amostra total; *n* = frequência; % = percentagem de participantes; *M* = Média; *DP* = Desvio Padrão; *Min* = Mínimo; *Máx* = Máximo;

A maioria dos participantes encontra-se casado ($n = 313$; 58,4%), 418 têm filhos e 118 não têm filhos. A maioria dos participantes pais ($n = 418$; 78%) tem filhos entre os 19 e 25 de anos de idade ($n = 102$; 24,9%), seguidos pela faixa etária de mais de 25 anos ($n = 98$; 24%), e pela faixa etária dos 7 aos 13 anos ($n = 97$; 23,7%).

Tabela 2**Agregado Familiar dos Participantes (N = 536)**

	N	%
Estado Civil		
Solteiro	103	19,2
Casado(a)	313	58,4
União de facto	93	17,4
Recasado(a)/nova união de facto	10	1,9
Divorciado	14	2,6
Viúvo	3	0,6
Número de filhos		
Sem filhos	118	22
1	142	26,5
2	223	41,6
3 ou +	53	9,9
Faixa etária dos filhos		
Recém-nascido a 6 anos	62	15,2
7 a 13 anos	97	23,7
14 a 18 anos	50	12,2
19 a 25 anos	102	24,9
> 25 anos	98	24,0

Nota. N = amostra total; n = frequência; % = percentagem de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; Min = Mínimo; Máx = Máximo;

Relativamente ao contexto dos participantes face à pandemia (Tabela 3), a grande maioria ($n = 436$; 81,3%) revelou nunca ter estado infetado com o COVID-19, nem nenhum familiar seu. No momento do inquérito, apenas 41 participantes (7,6%) se encontrava ou tinha algum familiar em isolamento por COVID-19. Embora a maioria dos participantes ($n = 341$; 70,5%) não tenha solicitado apoios, é de salientar que o apoio mais solicitado foi o apoio familiar ($n = 71$; 13,2%). A perda de emprego pelo participante ou por um familiar seu foi indicada por 54 participantes (10,1%), e 99 participantes (18,5%) reportam uma diminuição significativa dos seus rendimentos e/ou dos rendimentos dos seus familiares. A grande maioria dos participantes encontrava-se no sistema de trabalho presencial ($n = 402$; 75,0%). Tanto antes como durante a pandemia, o número mais comum de horas passadas com a família esteve entre as 3 e as 6 horas ($n = 298$; $n = 192$), tendo havido uma diminuição do número de pessoas neste horário e um aumento no número de pessoas a passar mais de 6 horas em família, de antes ($n = 67$; 17; 35), para durante ($n = 102$; 58; 66) a pandemia.

Tabela 3**Contexto de Pandemia dos Participantes (N = 536)**

	n	%
Infeção por COVID-19		
O próprio	12	2,2
1 familiar	42	7,8
2 familiares	20	3,7
3 familiares	7	1,3
4 ou mais familiares	9	1,7
Eu e 1 familiar	1	0,2
Eu e 2 familiares	5	0,9
Eu e 3 familiares	3	0,6
Eu e 4 ou mais familiares	1	0,2
Ninguém	436	81,3
Isolamento do próprio ou de algum familiar por COVID-19 positivo		
Sim	41	7,6
Não	495	92,4
Apoios solicitados		
Familiares	71	13,2
Vizinhos	21	3,9
Amigos	32	6,0
Colegas de Trabalho	10	1,9
Serviços Institucionais	20	3,7
Apoio médico e/ou enfermagem	22	4,1
Apoio Psicológico	28	5,2
Pagamento de contas	8	1,5
Ajuda em compras	21	3,9
Ajuda material	13	2,4
Alguém ficar/tomar conta dos filhos	17	1,5
Nenhum	341	70,5
Desemprego em consequência da pandemia		
Sim	54	10,1
Não	482	89,9
Diminuição significativa de rendimentos		
Sim	99	18,5
Não	437	81,5
Modalidade de Trabalho		
Totalmente em teletrabalho	48	9,0
Parcialmente em teletrabalho	86	16,0
Não se aplica	402	75,0
Número de horas de contacto entre familiares (pré-pandemia)		
< de 1 hora	12	2,2
1 a 3 horas	107	20,0
3 a 6 horas	298	55,6
6 a 8 horas	67	12,5
8 a 10 horas	17	3,2
> de 10 horas	35	6,5
Número de horas de contacto entre familiares (pandemia)		
< de 1 hora	31	5,8
1 a 3 horas	85	15,9
3 a 6 horas	192	35,8
6 a 8 horas	102	19,0
8 a 10 horas	58	10,8
> de 10 horas	66	12,3
Não se aplica	2	0,4

Nota. N = amostra total; n = frequência; % = percentagem de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; Min = Mínimo; Máx = Máximo.

No que concerne ao grau de preocupação com a pandemia, 222 participantes (41,4%) consideraram estar no nível “preocupado” sobre a sua situação pessoal, assim como 186 o estão com a situação familiar (34,7%), 220 com a situação financeira (41%), 191 com a situação escolar/profissional (35,6%), 202 com a situação de saúde (37,7%) e, também, 202 com a situação social (37,7%). Os resultados mencionados constam na Tabela 4.

Tabela 4

Grau de Preocupação dos Participantes face à Pandemia (N = 536)

Grau de Preocupação	N	%
Situação Pessoal		
Nada preocupado (a)	39	7,3
Pouco Preocupado (a)	82	15,3
Preocupado (a)	222	41,4
Muito preocupado (a)	134	25,0
Muitíssimo Preocupado (a)	59	11,0
Situação Familiar		
Nada preocupado (a)	26	4,9
Pouco Preocupado (a)	47	8,8
Preocupado (a)	186	34,7
Muito preocupado (a)	183	34,1
Muitíssimo Preocupado (a)	94	17,5
Situação Financeira		
Nada preocupado (a)	41	7,6
Pouco Preocupado (a)	118	22,0
Preocupado (a)	220	41,0
Muito preocupado (a)	101	18,8
Muitíssimo Preocupado (a)	56	10,4
Situação Escolar/Profissional		
Nada preocupado (a)	56	10,4
Pouco Preocupado (a)	129	24,1
Preocupado (a)	191	35,6
Muito preocupado (a)	112	20,9
Muitíssimo Preocupado (a)	48	9,0
Situação de Saúde		
Nada preocupado (a)	29	5,4
Pouco Preocupado (a)	109	20,3
Preocupado (a)	202	37,7
Muito preocupado (a)	127	23,7
Muitíssimo Preocupado (a)	69	12,9
Situação Social		
Nada preocupado (a)	39	7,3
Pouco Preocupado (a)	81	15,1
Preocupado (a)	202	37,7
Muito preocupado (a)	136	25,4
Muitíssimo Preocupado (a)	78	14,6

Nota. N = amostra total; n = frequência; % = percentagem de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão;

Min = Mínimo; *Máx* = Máximo.

A Tabela 5 apresenta a caracterização do grau de risco de contágio do concelho de residência dos participantes e 192 (38,5%) pessoas consideraram que o seu concelho se encontrava no nível de risco “elevado”.

Tabela 5

Grau de Risco de Contágio do Concelho de Residência dos Participantes (N = 536)

Grau de Risco do Concelho de Residência		
Risco moderado	111	20,7
Risco elevado	192	35,8
Risco muito elevado	155	28,9
Risco extremamente elevado	38	7,1
Desconheço	40	7,5

Nota. N=amostra total; n=frequência; % = percentagem de participantes; M=Média; DP=Desvio Padrão; Min=Mínimo; Máx=Máximo.

Procedimentos

O processo de recolha de dados foi efetuado online, pela plataforma *Googledocs*, tendo os dados sido recolhidos entre os meses de março de 2020 e junho de 2021. Os participantes foram informados acerca da natureza do estudo e dos seus objetivos, tendo dado o consentimento informado no qual é garantido o caráter voluntário e anónimo da participação, a possibilidade de desistência da mesma e que a recolha dos dados é exclusiva para este estudo e está de acordo com as exigências éticas de uma investigação em psicologia (Apêndice A). Os instrumentos foram aplicados individualmente e preenchidos através de um computador, *tablet* ou *smartphone*, e o preenchimento teve a duração de cerca de 15 minutos.

Instrumentos

O protocolo de investigação é constituído por: 1) questionário sociodemográfico, e de dados complementares sobre a situação familiar e COVID-19 (Apêndice B); 2) *Escala de Avaliação da Adaptabilidade e Coesão Familiar (FACES IV)* (Versão Portuguesa (Sequeira et al, 2021) (Anexo I).

1. Questionário sociodemográfico e de dados complementares sobre a situação familiar e COVID-19. Contém informações relativas a cada participante, ao agregado familiar e a situação face à pandemia COVID-19.

2. *Escala de Avaliação da Adaptabilidade e Coesão Familiar (FACES IV)*. A FACES IV surge do Modelo Circumplexo proposto por Olson, e foi desenvolvida por Olson, Gorall e Tiesel, em 2004. Avalia a perceção do funcionamento familiar em duas dimensões: coesão e adaptabilidade (Olson, 2011). A versão portuguesa foi validada por Sequeira et al., em 2015.

A FACES IV é composta por 62 itens divididos por oito subescalas. Duas são escalas equilibradas: coesão (itens 1, 7, 13, 19, 25, 31 e 37) e flexibilidade (itens 2, 8, 14, 20, 26, 32 e 38). Quatro são escalas desequilibradas: desmembrada (itens 3, 9, 15, 21, 27, 33 e 39) emaranhada (4, 10, 16, 22, 28, 34 e 40), rígida (itens 5, 11, 17, 23, 29, 35 e 41) e caótica (itens 6, 12, 18, 24, 30, 36 e 42).

Um funcionamento familiar e conjugal problemático associa-se a resultados baixos nas subescalas equilibradas e elevados nas desequilibradas. Inversamente, um funcionamento saudável associa-se a pontuações elevadas nas subescalas equilibradas e reduzidas nas desequilibradas (Olson, 2010).

Além destas seis subescalas, a FACES IV tem mais duas subescalas - comunicação (itens 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61 e 62) e satisfação (itens 8, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51 e 52). Pontuações altas são indicativas de uma boa comunicação familiar e de elevada satisfação em relação à família (Sequeira et al., 2015).

Os valores do alfa de Cronbach obtidos na FACES IV original (Olson, 2011), na validação para a população portuguesa (Sequeira et al., 2021), e neste estudo, constam na Tabela 6.

Tabela 6

Consistência interna da FACES-IV (N = 536);

Subescalas		Alfa de Cronbach	Alfa de Cronbach (Sequeira et al., 2021)	Alfa de Cronbach (Olson, 2011)
Equilibradas	Coesão	0,828	0,77	0,89
	Flexibilidade	0,787	0,64	0,84
Desequilibradas	Desmembrada	0,784	0,74	0,87
	Emaranhada	0,306	0,47	0,77
	Rígida	0,581	0,65	0,82
	Caótica	0,787	0,70	0,86
Comunicação		0,937	0,90	-
Satisfação		0,955	0,94	0,93
Total		0,825	0,81	-

No que diz respeito à cotação da escala, esta é feita com recurso a uma grelha como a que consta na Figura 2.

Figura 2

Grelha de cotação da FACES-IV

Coesão e Flexibilidade	1. __	2. __	3. __	4. __	5. __	6. __	Somatórios:
	7. __	8. __	9. __	10. __	11. __	12. __	1. Discordo fortemente
	13. __	14. __	15. __	16. __	17. __	18. __	2. Discordo
	19. __	20. __	21. __	22. __	23. __	24. __	3. Não concordo nem
	25. __	26. __	27. __	28. __	29. __	30. __	discordo
	31. __	32. __	33. __	34. __	35. __	36. __	4. Concordo
	37. __	38. __	39. __	40. __	41. __	42. __	5. Concordo fortemente
							<u>Somar na vertical</u>
Total	A__	B__	C__	D__	E__	F__	
Comunicação	43. __	44. __	45. __	46. __	47. __	48. __	Somatórios:
	49. __	50. __	51. __	52. __			1. Muito descontente
Satisfação	53. __	54. __	55. __	56. __	57. __	58. __	2. Um tanto descontente
	59. __	60. __	61. __	62. __			3. Geralmente satisfeito
							4. Muito satisfeito
							5. Extremamente satisfeito
							<u>Somar a totalidade</u>
Total	Comunicação + Satisfação__						

Análise Estatística

Para o tratamento e análise estatística dos dados recolhidos foi utilizado o programa informático *Statistical Package for Social Sciences* – IBM SPSS, versão 27 para Windows, 2020. Os procedimentos estatísticos foram definidos de acordo com os objetivos e com o tipo de variáveis em causa.

Para analisar a normalidade das variáveis em estudo recorreu-se ao teste de Kolmogorov-Smirnov, o qual concluiu uma distribuição não normal das variáveis ($p < 0,05$). Deste modo, foram tidos em conta os critérios de Kim (2013) para amostras superiores a 300 participantes. Segundo a autora, os valores absolutos de curtose superiores a 7 e de assimetria superiores a 2, indicam não normalidade substancial. Sendo que, os valores observados sobre a assimetria e a curtose indicaram uma distribuição normal para os valores da FACES-IV (“Coesão Equilibrada”, $s_i = -1,218$; $c_u = 2,399$; “Flexibilidade Equilibrada”, $s_i = -1,066$; $c_u = 1,784$; “Desmembrada”, $s_i =$

0,987; $cu = 1,269$; “Emaranhada”, $si = 0,311$; $cu = 0,488$; “Rígida”, $si = 0,033$; $cu = -0,160$; “Caótica”, $si = 0,797$; $cu = 1,026$; “Comunicação”, $si = -1,202$; $cu = 2,080$; “Satisfação”, $si = 0,316$; $cu = 0,058$). Posto isto, optou-se pela utilização da estatística paramétrica: Teste t-Student a fim da comparação de dois grupos de variáveis e Teste One-Way ANOVA a fim da comparação de três ou mais grupos de variáveis.

Resultados

Perceção de funcionamento Familiar

No que diz respeito às subescalas equilibradas da FACES-IV (Tabela 7), verificam-se na subescala da *Coesão*, que 45,5% dos inquiridos ($n = 244$) percecionam a família como coesa e 36,9% ($n = 198$) como muito coesa ($M = 27,17$). Quanto à dimensão da *Flexibilidade*, e tendo em conta que os intervalos variam entre 10 e 35, observaram-se resultados elevados ($M=26,43$), tendo a maioria dos participantes a perceção de que a sua família é muito flexível ($n=371$; 69,2%).

Tabela 7

Resultados das Subescalas Equilibradas da FACES-IV (N = 536)

Subescalas	n (% válida)	M	DP	Min	Max
Coesão Equilibrada					
Algo coesa [10-30]	94 (17,5%)				
Coesa [35-60]	244 (45,5%)	27,17	4,498	10	35
Muito coesa [65-99]	198 (36,9)				
Flexibilidade Equilibrada					
Algo flexível [10-20]	25 (4,7%)	26,43	4,261	10	35
Flexível [25-60]	140 (26,1%)				
Muito flexível [65-99]	371 (69,2%)				

Nota n = número de sujeitos; % = percentagem de participantes; M= Média; DP= Desvio Padrão; Min = Mínimo; Max = Máximo.

Analisando as subescalas desequilibradas (Tabela 8), a generalidade das pontuações obtidas é muito baixa ou baixa, correspondendo, assim, a uma perceção do funcionamento familiar como saudável. No que se refere à subescala *Desmembrada*, 350 participantes percecionam níveis baixos de desmembramento (65,3%; $M = 15,65$). Na subescala *Emaranhada*, 319 participantes apresentam baixo

emaranhamento (59,5%; $M = 19,69$). No que respeita à subescala *Rígida* verifica-se que 237 dos participantes percecionam níveis médios de rigidez na sua família (44,2%; $M = 20,20$). Relativamente à subescala *Caótica*, 355 dos participantes percecionam níveis muito baixos de funcionamento caótico (62,2%; $M = 15,63$).

Tabela 8

Resultados das Subescalas Desequilibradas da FACES-IV (N = 536)

Subescalas	n (% válida)	M	DP	Min	Max
Desmembrada					
Muito baixo [10-26]	350 (65,3%)				
Baixo [30-40]	129 (24,1%)	15,65	4,770	7	34
Moderado [45-60]	29 (5,4%)				
Alto [64-75]	20 (3,7%)				
Muito alto [80-99]	8 (1,5%)				
Emaranhada					
Muito baixo [10-26]	81 (15,1%)				
Baixo [30-40]	319 (59,5%)				
Moderado [45-60]	112 (20,9%)	19,69	3,111	11	31
Alto [64-75]	22 (4,1%)				
Muito alto [80-99]	2 (0,4%)				
Rígida					
Muito baixo [10-26]	95 (17,7%)				
Baixo [30-40]	237 (44,2%)				
Moderado [45-60]	166 (31,0%)	20,20	3,812	9	32
Alto [64-75]	35 (6,5%)				
Muito alto [80-99]	3 (0,6%)				
Caótica					
Muito baixo [10-26]	355 (62,2%)				
Baixo [30-40]	125 (23,3%)				
Moderado [45-60]	34 (6,3%)	15,63	4,506	7	32
Alto [64-75]	20 (3,7%)				
Muito alto [80-99]	2 (0,4%)				

Nota n= número de sujeitos; %= percentagem de participantes; M= Média; DP= Desvio Padrão; Min = Mínimo; Max = Máximo.

Na subescala da *Comunicação* a maioria dos participantes atribuem pontuações altas à *Comunicação* entre os membros da sua família ($M = 38,15$), sendo que 44,8% dos participantes ($n = 240$) a percecionam como alta, e 21,1% ($n = 113$) como muito alta. No entanto, em relação à subescala da *Satisfação* observa-se uma baixa satisfação com a família ($M=35,54$; $n=170$; 31,7%), como pode ser observado na Tabela 9.

Tabela 9*Resultados das Subescalas Comunicação e Satisfação da FACES-IV (N = 536)*

Subescalas	n (% válida)	M	DP	Min	Max
Comunicação					
Muito baixo [10-20]	56 (10,4%)				
Baixo [21-35]	29 (5,4%)				
Moderado [36-60]	98 (18,3%)	38,15	7,423	10	50
Alto [61-85]	240 (44,8%)				
Muito alto [86-99]	113 (21,1%)				
Satisfação					
Muito baixo [10-20]	93 (17,4%)				
Baixo [21-35]	170 (31,7%)				
Moderado [36-60]	94 (17,5%)	35,54	7,864	10	50
Alto [61-85]	110 (20,5%)				
Muito alto [86-99]	69 (12,9%)				

Nota n = número de sujeitos; % = percentagem de participantes; M= Média; DP= Desvio Padrão.

Perceção de Funcionamento Familiar e Características Sociodemográficas

No que diz respeito ao sexo dos participantes, as mulheres ($M_{Coesão} = 28,04$; $M_{Flexibilidade} = 27,24$) e os homens com filhos ($M_{Coesão} = 27,16$; $M_{Flexibilidade} = 26,84$) apresentam uma perceção da coesão e flexibilidade equilibradas melhor do que os que não têm filhos. No que respeita às subescalas desequilibradas, *Desmembrada* e *Caótica*, homens ($M = 18,79$; $M = 18,03$) e mulheres ($M = 17,77$; $M = 17,50$) sem filhos pontuam significativamente mais alto. A Tabela 10 apresenta os resultados de acordo com as variáveis mencionadas.

Tabela 10

Perceção do funcionamento familiar (FACES-IV) entre indivíduos com e sem filhos em função do sexo (N = 536)

Sexo	Subescalas Equilibradas				Subescalas Desequilibradas							
	Coesão Equilibrada		Flexibilidade Equilibrada		Desmembrada		Emaranhada		Rígida		Caótica	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Masculino												
ICSF (n=34)	23,59	5,59	23,09	5,11	18,79	4,29	19,41	3,77	20,82	4,20	18,03	5,10
ICCF (n=122)	27,16	3,81	26,84	3,60	15,57	4,30	19,70	2,87	20,34	3,59	15,31	4,01
T	-4,337***		-4,862***		3,877***		-0,491 ^{NS}		0,675 ^{NS}		3,287**	
Feminino												
ICSF (n=84)	25,57	5,59	24,35	5,11	17,77	5,81	19,99	3,02	19,61	4,25	17,50	5,41
ICCF (n=296)	28,04	5,81	27,24	3,60	14,71	4,34	19,64	3,16	20,24	3,72	14,96	4,12
T	-4,586***		-5,719***		5,266***		0,912 ^{NS}		-1,331 ^{NS}		4,630***	

Nota. N = amostra total; n = frequência de casos; M = Média; DP = Desvio Padrão; ICSF = Indivíduos em casal sem filhos; ICCF = Indivíduos em casal com filhos; t = Teste T-Student; * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$; ^{NS} Não significativo.

Também na subescala da *Comunicação*, os indivíduos com filhos, obtêm os valores mais elevados ($M = 39,51$; $M = 38,01$) e as diferenças são estatisticamente significativas.

Tabela 11

Percepção da Comunicação e Satisfação (FACES-IV) entre indivíduos com e sem filhos em função do sexo (N = 536)

Sexo	Comunicação		Satisfação	
	M	DP	M	DP
Masculino				
ICSF (n=34)	34,26	8,31	32,94	8,39
ICCF (n=122)	38,01	7,19	35,56	7,34
T	-2,592**		-1,799 ^{NS}	
Feminino				
ICSF (n=84)	35,14	8,31	35,24	8,39
ICCF (n=296)	39,51	7,19	35,92	7,24
T	-4,972***		0,689 ^{NS}	

Nota. N= amostra total; n= frequência de casos; M= Média; DP= Desvio Padrão; ICSF= Indivíduos em casal sem filhos; ICCF= Indivíduos em casal com filhos; t= Teste T-Student;; * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$; ^{NS} Não significativo.

Em relação à idade dos participantes, nas subescalas equilibradas não se observaram diferenças com significância estatística entre as diferentes faixas etárias dentro do mesmo grupo, quer para os indivíduos com filhos, quer para aqueles que não têm filhos (Tabela A – em Apêndice).

Numa análise entre grupos, ou seja, entre indivíduos com e sem filhos, já foi possível encontrar diferenças nas subescalas equilibradas e desequilibradas. Os indivíduos que formam casais com filhos e que se situam na faixa etária inferior ou igual a 31 anos ($M_{Coesão} = 28,59$; $M_{Flexibilidade} = 27,59$) e na faixa etária entre 41 e 46 anos ($M_{Coesão} = 28,34$; $M_{Flexibilidade} = 27,33$) pontuam mais alto na *Coesão* e *Flexibilidade* em comparação com aqueles que não têm filhos. O mesmo se verifica na *Flexibilidade* do grupo entre 32 e 40 anos ($M = 27,24$). Quanto às subescalas desequilibradas, todas as faixas etárias apresentam diferenças significativas na *Desmembrada*, exceto a faixa de idades igual ou superior a 54 anos, e estas diferenças evidenciam que os indivíduos sem filhos são os que pontuam mais alto ($M = 18,37$; $M = 17,13$; $M = 18,33$; $M = 17,00$). A subescala *Rígida* apresenta diferenças apenas na faixa etária até 31 anos, sendo que aqui são os casais com filhos que pontuam mais alto ($M = 21,97$).

Na subescala *Caótica*, existem diferenças na faixa etária dos 32 aos 40 anos e dos 41 aos 46 anos, com os indivíduos sem filhos a pontuar mais alto ($M = 17,63$; $M = 18,33$). A Tabela 12 ilustra os resultados referidos acima.

Tabela 12

Perceção do funcionamento familiar (FACES-IV) entre indivíduos com e sem filhos em função da idade dos participantes (N = 536)

Idade	Subescalas Equilibradas				Subescalas Desequilibradas							
	Coesão Equilibrada		Flexibilidade Equilibrada		Desmembrada		Emaranhada		Rígida		Caótica	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
<=31												
ICSF (n=87)	24,60	5,71	23,76	5,15	18,37	5,68	19,77	5,68	19,75	4,23	17,79	5,34
ICCF(n=29)	28,59	3,44	27,59	2,54	15,90	4,78	21,14	3,30	21,97	4,00	16,14	4,43
t	-4,575***		-5,271***		2,295*		-1,928 ^{NS}		-2,551*		1,652 ^{NS}	
32-40												
ICSF (n=16)	26,19	5,12	25,00	5,11	17,13	4,69	20,31	3,16	21,38	4,79	17,63	6,12
ICCF(n=108)	27,70	3,92	27,24	3,69	14,58	4,42	19,59	3,03	20,17	3,41	15,03	4,35
t	-1,363 ^{NS}		-2,147*		2,132*		0,882 ^{NS}		1,250 ^{NS}		2,106*	
41-46												
ICSF (n=9)	25,78	4,76	22,11	6,25	18,33	5,17	20,11	2,02	20,33	4,42	18,33	4,87
ICCF(n=91)	28,34	3,59	27,33	3,61	14,08	3,61	19,87	2,96	20,40	3,83	14,68	3,45
t	-1,982*		-3,839***		3,239**		0,327 ^{NS}		-0,041 ^{NS}		2,913**	
47-53												
ICSF (n=4)	25,00	4,08	26,75	4,50	17,00	1,16	19,00	5,48	18,25	3,10	15,50	1,73
ICCF(n=95)	27,71	4,26	27,11	4,04	15,06	4,53	19,66	3,22	19,83	3,76	15,03	4,23
t	-1,296 ^{NS}		-0,171 ^{NS}		2,614*		-0,392 ^{NS}		-0,991 ^{NS}		0,483 ^{NS}	
>=54												
ICSF (n=2)	29,50	2,12	28,50	3,54	13,50	6,36	18,50	2,12	19,50	0,71	13,00	4,24
ICCF(n=95)	27,18	4,16	26,65	3,64	15,85	4,42	19,06	2,89	20,18	3,57	15,18	4,09
t	1,488 ^{NS}		0,731 ^{NS}		-0,740 ^{NS}		-0,368 ^{NS}		-1,095 ^{NS}		-0,746 ^{NS}	

Nota. N= amostra total; n= frequência de casos; M= Média; DP= Desvio Padrão; ICSF= Indivíduos em casal sem filhos; ICCF= Indivíduos em casal com filhos; t= Teste T-Student; * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$; ^{NS} Não significativo.

Quanto à situação profissional, estar desempregado, quer com subsídio, quer sem subsídio não apresentou diferenças na perceção do funcionamento familiar entre indivíduos com e sem filhos, exceto para a dimensão *Rígida*, em que os indivíduos com filhos pontuam significativamente mais alto ($M = 22,78$). No entanto, os indivíduos com filhos pontuam também mais alto nas subescalas equilibradas *Coesão* e *Flexibilidade* quando trabalhadores por conta de outrem ($M_{Coesão} = 27,99$; $M_{Flexibilidade} = 27,32$), estudantes ($M_{Coesão} = 31,40$; $M_{Flexibilidade} = 29,80$) e estudante/trabalhadores/as ($M_{Coesão} = 29,33$; $M_{Flexibilidade} = 29,17$). Os indivíduos com filhos que trabalham por conta de outrem têm valores mais elevados na subescala *Comunicação* ($M = 39,54$), e significativamente menores na *Caótica* ($M = 14,87$).

Nos indivíduos que trabalham por conta própria, aqueles que não têm filhos apresentam resultados significativamente mais altos na subescala *Satisfação* ($M = 41,14$). Embora o valor mais alto nesta subescala pertença aos indivíduos com filhos que são trabalhadores/as-estudantes. E, os/as trabalhadores/as-estudantes sem filhos apresentam valores significativamente mais altos na subescala *Caótica* ($M = 17,00$) do que aqueles que têm filhos. Devido ao número de participantes por cada situação profissional ser baixo, optou-se por colocar esta tabela em apêndice (Tabela B).

No que concerne ao rendimento mensal, os indivíduos que dispõem de um rendimento entre os 500€ e os 1000€, os 1000€ e os 2000€, e os 2000€ e os 3000€ apresentam uma *Coesão*, *Flexibilidade* e *Comunicação* significativamente mais elevada quando têm filhos. Nos indivíduos que auferem até 500€, a *Comunicação* é mais alta naqueles que não têm filhos ($M = 38,50$), e nos que auferem mais de 3000€ é mais alta nos que têm filhos ($M = 39,77$). Os indivíduos sem filhos pontuam significativamente mais alto nas subescalas *Desmembrada* e *Caótica* quando auferem mais de 500€.

Tabela 13

Perceção do funcionamento familiar (FACES-IV) em função do rendimento mensal (N = 536)

Rendimento	Subescalas Equilibradas				Subescalas Desequilibradas							
	Coesão Equilibrada		Flexibilidade Equilibrada		Desmembrada		Emaranhada		Rígida		Caótica	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Até 500€												
ICSF (n=8)	26,38	3,16	23,88	5,77	15,25	3,99	19,25	3,06	19,38	3,16	17,75	4,62
ICCF (n=7)	22,71	5,12	22,71	4,82	19,57	5,65	19,43	2,23	23,14	2,55	17,43	5,71
t	1,692 ^{NS}		0,424 ^{NS}		-1,729 ^{NS}		-0,130 ^{NS}		-2,556 ^{NS}		0,121 ^{NS}	
500€-1000€												
ICSF (n=32)	24,81	5,30	23,88	5,29	18,50	5,02	19,59	3,03	19,91	3,88	18,00	5,57
ICCF (n=48)	28,31	2,93	27,29	2,95	14,58	4,03	19,71	3,50	20,19	3,46	14,63	4,49
t	-3,793***		-3,699***		3,855***		-0,156 ^{NS}		-0,339 ^{NS}		2,991**	
1000€-2000€												
ICSF (n=53)	25,04	5,81	23,98	5,11	17,79	5,55	19,77	3,50	20,02	4,64	17,00	4,75
ICCF (n=196)	27,60	4,09	26,80	3,82	15,47	4,45	19,84	3,16	20,24	3,78	15,33	4,27
t	-3,667***		-4,416***		-3,185**		-0,136 ^{NS}		-0,359 ^{NS}		2,465*	
2000€-3000€												
ICSF (n=17)	24,06	6,96	23,71	6,19	19,12	6,29	20,88	2,71	20,29	3,24	18,76	5,77
ICCF (n=111)	28,20	3,88	27,53	3,43	14,25	4,10	19,72	2,95	20,05	3,24	14,85	3,80
t	-3,616***		-3,776***		4,205***		1,625 ^{NS}		0,295 ^{NS}		3,664***	
>3000€												
ICSF (n=8)	26,13	3,00	25,13	3,76	18,75	5,39	19,38	3,96	19,63	6,44	18,13	7,83
ICCF (n=58)	27,80	2,89	27,82	3,65	14,32	4,06	18,86	2,65	20,52	4,36	14,64	3,28
t	-1,168 ^{NS}		-1,949 ^{NS}		2,772**		0,485 ^{NS}		-0,509 ^{NS}		2,272*	

Nota. N= amostra total; n= frequência de casos; M= Média; DP= Desvio Padrão; ICSF= Indivíduos em casal sem filhos; ICCF= Indivíduos em casal com filhos; t= Teste T-Student; * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$; ^{NS} Não significativo.

A análise do funcionamento familiar em função do número de filhos dos participantes e das idades destes reflete que, na subescala da *Satisfação*, observaram-se diferenças em função do número de filhos. Sendo que os indivíduos com 2 filhos ($M_{Satisfação} = 36,54$) estão significativamente mais satisfeitos com as suas relações familiares do que aqueles que têm apenas 1 filho ($M_{Satisfação} = 34,20$), não havendo diferenças significativas em relação aos que têm 3 ou mais filhos (Tabela 14). Dado que as restantes subescalas não apresentam diferenças significativas, optou-se por se colocar as mesmas em Apêndice (Tabela C).

Tabela 14

Perceção da Comunicação e Satisfação (FACES-IV) em função do número de filhos (N=418)

Nº de filhos	n	Comunicação		Satisfação	
		M	DP	M	DP
(1) 1	142	38,03	7,45	34,20	7,98
(2) 2	223	39,50	6,59	36,54	7,66
(3) 3	38	40,18	5,22	36,74	7,53
(4) >3	15	39,87	4,53	37,93	6,09
F		2,770 ^{NS}		4,834**	
Comparação múltipla de médias de ordens				1 vs 2*	
				1 vs 3	
				1 vs 4	
				2 vs 3	
				2 vs 4	

Nota. N = amostra total; n = frequência de casos; M = Média; DP = Desvio Padrão; F=ANOVA; * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$; ^{NS} Não significativo.

Em relação à idade dos filhos, apenas a subescala equilibrada *Flexibilidade* apresenta diferenças significativas, embora baixas, estando estas entre os indivíduos que têm filhos com idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos ($M = 28,24$), os que pontuam mais alto, e os que têm filhos com mais de 26 anos ($M = 26,30$). Na subescala *Desmembrada*, a única subescala desequilibrada com diferenças estatisticamente significativas, mas também baixas, a faixa etária com mais de 26 anos ($M = 15,83$) é a que pontua mais alto, e a dos 14 aos 18 anos, a que pontua mais baixo ($M = 13,74$) (Tabela 15).

Tabela 15

Perceção do funcionamento familiar (FACES-IV) em função das idades dos filhos (n=409)

Idade dos filhos	n	Subescalas Equilibradas				Subescalas Desequilibradas							
		Coesão Equilibrada		Flexibilidade Equilibrada		Desmembrada		Emaranhada		Rígida		Caótica	
		M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
(1) 0-6	62	28,15	3,69	27,24	3,41	14,69	4,49	20,18	2,99	20,06	3,32	15,73	4,48
(2) 7-13	97	28,25	3,71	27,40	3,34	14,40	3,83	19,76	2,68	20,10	3,57	14,81	3,44
(3) 14-18	50	28,72	3,43	28,24	3,40	13,74	3,87	19,66	2,90	20,82	3,41	14,16	3,88
(4) 19-25	102	27,54	4,11	27,05	3,99	15,27	4,66	19,60	3,54	20,68	4,31	15,28	4,19
(5) >26	98	27,05	4,38	26,30	3,89	15,83	4,41	19,17	3,03	19,60	3,62	14,97	4,30
F		2,100 ^{NS}		2,577*		2,604*		1,086 ^{NS}		0,836 ^{NS}		1,201 ^{NS}	
Comparação múltipla de médias de ordens				1 vs 2 ^{NS}		1 vs 2 ^{NS}							
				1 vs 3 ^{NS}		1 vs 3 ^{NS}							
				1 vs 4 ^{NS}		1 vs 4 ^{NS}							
				1 vs 5 ^{NS}		1 vs 5 ^{NS}							
				2 vs 3 ^{NS}		2 vs 3 ^{NS}							
				2 vs 4 ^{NS}		2 vs 4 ^{NS}							
				2 vs 5 ^{NS}		2 vs 5 ^{NS}							
				3 vs 4 ^{NS}		3 vs 4 ^{NS}							
				3 vs 5*		3 vs 5*							
				4 vs 5 ^{NS}		4 vs 5 ^{NS}							

Nota. N= amostra total; n= frequência de casos; M= Média; DP= Desvio Padrão; ICSF= Indivíduos em casal sem filhos; ICCF= Indivíduos em casal com filhos; F=ANOVA; * p < 0,05; ** p < 0,01; ***p < 0,001; ^{NS} Não significativo.

Perceção de funcionamento familiar e contexto pandémico

Relativamente ao número de horas de contato entre os membros da família no período de pandemia por COVID-19, quer nas escalas equilibradas, quer nas escalas desequilibradas, não se apresentam diferenças significativas entre indivíduos com e sem filhos (Tabela D – em Apêndice).

Noventa e nove sujeitos percecionaram uma redução de rendimentos em consequência da pandemia. Observaram-se diferenças estatisticamente significativas entre os grupos na *Flexibilidade*. Os indivíduos com filhos obtêm pontuações mais elevadas (M = 26,97). A subescala desequilibrada *Caótica* apresenta valores mais elevados entre os indivíduos sem filhos (M = 18,73). Estes resultados podem ser observados na Tabela 16.

Tabela 16

Perceção do funcionamento familiar (FACES-IV) entre indivíduos com e sem filhos na redução significativa de rendimentos (N=99)

Redução de rendimentos	Subescalas Equilibradas				Subescalas Desequilibradas							
	Coesão Equilibrada		Flexibilidade Equilibrada		Desmembrada		Emaranhada		Rígida		Caótica	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
ICSF (n=30)	25,83	5,75	24,10	5,29	17,00	4,62	20,80	3,34	19,73	4,32	18,73	5,22
ICCF (n=69)	27,64	4,04	26,97	3,93	15,13	4,27	20,29	2,98	20,91	3,45	15,52	4,26
t	-1,787 ^{NS}		-2,999**		1,951 ^{NS}		0,755 ^{NS}		-1,444 ^{NS}		3,217**	

Nota. N= amostra total; n= frequência de casos; M= Média; DP= Desvio Padrão; ICSF= Indivíduos em casal sem filhos; ICCF= Indivíduos em casal com filhos; t= Teste T-Student; * p < 0,05; ** p < 0,01; ***p < 0,001; ^{NS} Não significativo.

Também na subescala *Comunicação*, os indivíduos com filhos obtêm as pontuações mais elevadas (M = 38,54) perante a redução significativa de rendimentos, como pode ser observado na tabela 17.

Tabela 17

Perceção da Comunicação e Satisfação (FACES-IV) entre indivíduos com e sem filhos na redução significativa de rendimentos (N=99)

Redução Significativa de Rendimentos	Comunicação		Satisfação	
	M	DP	M	DP
ICSF (n=30)	34,63	8,39	34,90	7,08
ICCF(n=69)	38,54	6,65	36,57	7,89
t	-2,474*		-1,038 ^{NS}	

Nota. N= amostra total; n= frequência de casos; M= Média; DP= Desvio Padrão; ICSF= Indivíduos em casal sem filhos; ICCF= Indivíduos em casal com filhos; t= Teste T-Student; * p < 0,05; ** p < 0,01; ***p < 0,001; ^{NS} Não significativo.

Discussão dos Resultados

Os resultados apresentados permitem concluir que: 1) tanto os indivíduos que formam casal e têm filhos, como os que não têm, perceberam o seu funcionamento familiar como equilibrado na pandemia COVID-19, mas estão pouco satisfeitos com a sua família; 2) os participantes que têm filhos, percebem uma maior coesão, flexibilidade e comunicação, e os que não têm, apresentam maior desmembrado e caoticidade; 3) a satisfação com a família é maior em famílias com 2 ou mais filhos, e

os pais dos adolescentes são os que se percebem como mais flexíveis; 4) os indivíduos com filhos revelam-se mais flexíveis e com uma melhor comunicação perante a redução de rendimentos causada pela pandemia.

Os indivíduos envolvidos numa relação amorosa no período da pandemia por COVID-19, na sua generalidade, percebem as suas famílias como equilibradas. Estes obtiveram pontuações elevadas nas subescalas equilibradas e baixas nas subescalas desequilibradas. Segundo Olson e Gorall (2006), a combinação apresentada traduz uma tipologia familiar com altos níveis de funcionalidade e baixos níveis de disfuncionalidade. Os autores indicam ainda que esta tipologia familiar está mais propensa a promover mudanças ao longo do tempo e ajustar-se aos desafios que surgem no seu desenvolvimento.

Os participantes consideram-se, na sua grande maioria, pouco satisfeitos com as suas relações familiares. Os valores obtidos por estes são concordantes com aqueles encontrados no estudo de validação da escala utilizada nesta investigação (Sequeira et al, 2021; Silva, 2015). Embora, este resultado seja oposto à perceção de funcionalidade observada através das subescalas da coesão e adaptabilidade familiar, estas não têm necessariamente que corresponder-se. Já que, as pontuações da satisfação podem refletir fatores contextuais, como a pressão económica (Kwon, Rueter, Lee, Koh & Ok, 2003), ou acontecimentos de vida extraordinários, como a doença (Samios, Pakenham & O'Brien, 2014) e a morte de um familiar (Mendes, 2011) e não implicarem que, os indivíduos que compõe casal ou as famílias, se percebam como funcionando de forma coesa e flexível face aos desafios em causa. Pode concluir-se, neste sentido, que a pandemia constitui um período de desafios complexos e acrescidos, tanto para os indivíduos em casal com filhos, como para os que não têm filhos, com impacto na sua satisfação familiar.

Com respeito ao segundo resultado, a existência de filhos relaciona-se positivamente com a perceção de um bom funcionamento familiar. No presente estudo, são os indivíduos que compõe casal com filhos – pais – que percebem maior coesão, flexibilidade e comunicação entre os membros da sua família no momento da pandemia. Este resultado não vai no sentido dos resultados obtidos em estudos internacionais referentes à pandemia (Gunther-Bel et al., 2020), nem em estudos nacionais e internacionais que antecederam a pandemia (Neto, 2019;

Twenge, Campbell & Foster, 2003). Pode hipotetizar-se que a presença de filhos, no contexto da pandemia, embora implique uma sobrecarga de tarefas e funções, também traz diversidade às relações familiares, multiplica as funções a serem exercidas na família e foca a dinâmica na parentalidade. O foco na parentalidade, neste quadro específico e, face ao isolamento em que as famílias se encontravam, poderá ter colaborado para a vivência de uma maior “normalidade”, coesão e flexibilidade na dinâmica da família. Neste sentido, num estudo nacional (Relvas et al., 2020), são os casais sem filhos os mais afetados negativamente pela pandemia do ponto de vista da sua emocionalidade e da sua satisfação conjugal. Segundo Tesser e Beach (1998), os membros da família quando confrontados com stressores de grande dimensão, como é o caso de uma pandemia, tendem a perceber o comportamento negativo dos familiares como consequência deste stressor. Nos casais sem filhos pode acontecer que as dificuldades vividas na relação, durante o período pandémico, sejam focalizadas na dinâmica da díade e nas dificuldades de gestão dos desafios com que se confrontam e não a condições externas e assim explicar esta menor percepção de funcionalidade familiar. Este resultado sugere que as dificuldades relacionais podem ser atribuídas à pandemia quando existe uma maior rede de relações familiares que também vivenciam estas dificuldades, o que as normaliza, e, portanto, os casais sem filhos poderão estar mais vulneráveis pela ausência desta normalização externa.

O terceiro resultado indica que os indivíduos que formam casais com 2 ou mais filhos são os mais satisfeitos com a família em comparação com os que têm 1 filho. Este resultado foi encontrado também por Neto (2019). É possível hipotetizar que um maior número de filhos signifique uma maior interajuda entre irmãos, o que também ajuda o subsistema parental, uma vez que determinadas tarefas são descentralizadas deste. Esta partilha pode contribuir para a satisfação familiar, já que todos obtêm em alguma medida resposta para as suas necessidades, nomeadamente, uma maior disponibilidade para o subsistema conjugal.

E, em consonância com Machado (2008), são os pais de adolescentes que apresentam maior flexibilidade familiar. A adolescência é um período que exige da família uma maior abertura, ou seja, um aumento na permeabilidade das fronteiras com o exterior e partilha da liderança entre pais e filhos (Carter & McGoldrick, 2001).

E, embora a autonomia dos adolescentes se tenha encontrado seriamente comprometida pela pandemia, uma vez que estes não puderam envolver-se em atividades presenciais de convívio entre pares, as quais requerem um alargamento nos horários com estes e uma diminuição do contacto com a família. Porém os adolescentes ajustaram-se às restrições fazendo uso das tecnologias para manter as suas amizades e promover este movimento de abertura do sistema. Por esta via, podemos também supor que os pais tenham sido menos confrontados com os desafios e riscos mais normativos associados à adolescência, os quais foram minorados pelo confinamento, o que poderá ter-se refletido num melhor ambiente familiar e numa maior perceção de flexibilidade. Os recursos internos e externos próprios das famílias nesta fase do seu desenvolvimento parecem ter-se refletido positivamente no seu funcionamento, e as famílias que já se encontravam a atravessar um período de estreito contacto com a experiência de flexibilidade, poderão ter estado mais preparadas para se adaptar também aos desafios pandémicos.

Quanto ao quarto resultado, os indivíduos com filhos revelam-se mais flexíveis e com uma melhor comunicação perante a redução de rendimentos causada pela pandemia. Sabendo que os indivíduos com filhos foram, ao longo do seu ciclo vital familiar, expostos a um conjunto de desafios desenvolvimentais (Relvas, 1996), é possível hipotetizar que os mesmos poderão ter favorecido a sua melhor adaptação a novas realidades, como é o caso da pandemia, que exigiu posturas mais flexíveis por parte das famílias. Também, no que se refere à comunicação, o contato destes com as diferentes instituições educativas e de lazer a que recorreram para obter suporte com as crianças, pode ter aprimorado a qualidade da sua comunicação, quer aquela que ocorre entre a família e o exterior, quer aquela que se dá entre os familiares, a intrafamiliar. Outro aspeto a valorizar, é a importante relação entre flexibilidade e comunicação, já que a segunda tem um papel fundamental na manutenção da primeira (Portugal, 2013), e estas famílias pontuam alto nas duas dimensões.

No que se refere aos casais sem filhos, uma parte significativa da amostra (74%) tem até 31 anos, e as pessoas mais jovens são por norma as que auferem menos e têm situações profissionais menos estáveis. Pelo que, uma redução significativa nos

seus rendimentos mensais pode tê-los colocado numa situação económica de maior risco em comparação com o que aconteceu com os casais com filhos, nos quais a redução de rendimentos ainda que significativa pode não ter conduzido a uma redução do seu nível socioeconómico. Este conjunto de elevadas restrições pode refletir-se na sua perceção de menor flexibilidade, que passa por negociações na relação e poderá estar relacionada com a aplicação dos rendimentos conjuntos. Além disso, é possível também hipotetizar que os casais sem filhos, que não tendo diversidade de relações familiares e tarefas associadas a estas, se foquem mais nos aspetos relacionados à pandemia, nomeadamente a tensão financeira, que segundo vários estudos (Balzarini et al., 2020; Cunha & Relvas, 2015; Coelho, 2016; Gudmunson, Beutler, Israelsen, McCoy & Hill, 2007; Williamson et al., 2013) tem um impacto negativo na conjugalidade.

Pode considerar-se que um bom funcionamento familiar seja um moderador do impacto da crise económica associada à pandemia, e um potenciador do ajustamento a esta.

Conclusões

Com base nos resultados obtidos pode concluir-se que embora as famílias com filhos tenham estado encarregues de um maior número de novas tarefas, estas percecionam-se como funcionais, em comparação com o casal sem filhos, que percebe pior funcionamento.

Neste estudo, algumas limitações precisam de ser consideradas: a pequena amostra, especialmente de indivíduos sem filhos e do sexo masculino; também no que diz respeito ao nível de escolaridade, que na nossa amostra é maioritariamente o ensino superior, o que não é representativo da população portuguesa. Outra limitação deste trabalho foi não ter sido analisada a perceção das díades. Sugere-se que, em futuras investigações seja considerada a análise da perceção em díades, e a análise longitudinal da perceção de funcionamento familiar, uma vez que a situação contextual naturalmente pontuou os resultados obtidos.

Algumas implicações clínicas podem retirar-se deste estudo em particular quanto à atenção a ser dada, em contextos de crise aos casais sem filhos. Sendo a

pandemia, uma fase de maior isolamento social, muito além das dificuldades que já constatamos terem sido vividas, esta pode ser também uma oportunidade para que o casal se foque em si mesmo, e para isso, tornou-se evidente a orientação terapêutica ser uma mais-valia. As competências desenvolvidas em contexto terapêutico podem mais facilmente ser aplicadas num período em que o casal se vê com menos responsabilidades laborais e menos tempo fora de casa, as quais implicam um menor contacto um com o outro. É possível que em conjunto com esta maior disponibilidade e novas estratégias, o casal encontre espaço para trazer assuntos que precisavam de ser conversados já antes da pandemia, ou que se acentuaram com a chegada desta, o que virá a resultar num mais profundo comprometimento e na formação de alianças entre os cônjuges face aos desafios que os mantinham em desacordo (Cohan & Cole, 2002); Stanley et al., 2020; Wilcox, 2011). Ainda neste âmbito, seria também pertinente a criação de grupos de partilha que representassem suporte emocional no isolamento que esta fase implicou, uma vez que estes grupos têm potencial de gerar suporte por partilharem as mesmas vivências (Yalom, 2008).

Referências bibliográficas

- Alarcão, M. (2006). *(Des)Equilíbrios Familiares* (3ª ed.). Quarteto
- Andolfi, M. (2012). *Family therapy: An Interactional Approach*. Spring
- Balzarini, R. N., Muise, A., Zoppolat, G., Bartolomeo, A. D., Rodrigues, D. L., Alonso-Ferres, M., Urganci, B., Debrot, A., Pichayayothin, N. B., Dharma, C., Chi, P., Karremans, J., Schoebi, D., & Slatcher, R. B. (2020). Love in the time of COVID: Perceived partner responsiveness buffers people from lower relationship quality associated with COVID-related stressors. Manuscript submitted for publication. <https://doi.org/10.31234/osf.io/e3fh4>
- Brooks, S. K., Webster, R. K., Smith, L. E., Woodland, L., Wessely, S., Greenberg, N., & Rubin, G. J. (2020). The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. *Lancet*, 395, 912-920. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30460-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30460-8)
- Carter, B. & McGoldrick, M. (2001). *As mudanças no ciclo vital de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Artmed.

- Coelho, L. (2016). Finanças conjugais, desigualdades de género e bem-estar: Facetas de um Portugal em crise. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 111, 59-80. <https://doi.org/10.4000/rccs.6461>
- Cohan, C. L., and Cole, S. W. (2002). Life course transitions and natural disaster: Marriage, birth, and divorce following Hurricane Hugo. *Journal of Family Psychology*, 16, 14-25. <https://doi.org/10.1037//0893-3200.16.1.14>
- Cunha, D. & Relvas, A.P. (2015). Crise económica e dificuldades familiares: duas faces da mesma moeda?. *Psycologica*, 58(2), 25-39.
- Dias, M. O. (2015). A comunicação como processo de interação e de integração no sistema familiar – os valores. *Gestão e Desenvolvimento*, 23, 85-105
- Epstein, N. B., Ryan, C. E., Bishop, D. S., Miller, I. W., & Keitner, G. I. (2003). The McMaster model: A view of healthy family functioning. In F. Walsh (Ed.), *Normal family processes: Growing diversity and complexity* (pp. 581–607). The Guilford Press. https://doi.org/10.4324/9780203428436_chapter_21
- Falceto, O. (1997). *Famílias com desenvolvimento funcional e disfuncional: validação das escalas diagnósticas FACES III, Beavers-Timberlawne Avaliação Global do Funcionamento Interacional (GARF)*. [Unpublished master dissertation]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Figueiredo, M. H. (2012). *Modelo dinâmico de avaliação e intervenção familiar: uma colaborativa em enfermagem de família*. Lusociência
- Figuereido, P. V. (2005). A Influência do locus de controle conjugal, das habilidades sociais conjugais e da comunicação conjugal na satisfação com o casamento. *Ciências e Cognição*, 6 (1), 123-132.
- Fowers, B. J. (1998). Psychology and the good marriage: Social theory as practice. *American behavioural scientist*, 41, 516-541. <https://doi.org/10.1177/0002764298041004005>
- Gudmunson, C. G., Beutler, I. F., Israelsen, C. L., McCoy, J. K., & Hill, E. J. (2007). Linking financial strain to marital instability: Examining the roles of emotional distress and marital interaction. *Journal of Family and Economic Issues*, 28(3), 357–376. <https://doi.org/10.1007/s10834-007-9074-7>
- Günther-Bel, C., Vilaregut, A., Carratala, E., Torras-Garat, S., & Pérez-Testor, C. (2020). A Mixed-method Study of Individual, Couple, and Parental Functioning

- During the State-regulated COVID-19 Lockdown in Spain. *Family process*, 59(3), 1060–1079. <https://doi.org/10.1111/famp.12585>
- Howe, G., Levy, M., & Caplan, R. (2004). Job Loss and Depressive Symptoms in Couples: Common Stressors, Stress Transmission, or Relationship Disruption? *Journal Of Family Psychology*, 18(4), 639-650.
- Instituto do Emprego e Formação Profissional. (2021). *Informação mensal, mercado de emprego*. <https://www.iefp.pt/documents/10181/10581762/Informa%C3%A7%C3%A3o+Mensal+abril+2021.pdf/929afb74-a25d-4d0e-bf33-c1b6826c3a04>
- Kinnunen, U., Feldt, T. (2004). Economic stress and marital adjustment among couples: analyses at the dyadic level. *Eur. J. Soc. Psychol.* 34, 519–532. <https://doi.org/10.1002/ejsp.213>
- Kim H. Y. (2013). Statistical notes for clinical researchers: assessing normal distribution (2) using skewness and kurtosis. *Restorative dentistry & endodontics*, 38(1), 52–54. <https://doi.org/10.5395/rde.2013.38.1.52>
- Kwon, H., Rueter, M. A., Lee, M., Koh, S., & Ok, S. W. (2003). Marital relationships following the Korean economic crisis: Applying the family stress model. *Journal of Marriage and Family*, 65, 316–325. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1741-3737.2003.00316>
- Larson, J. H. (1984). The Effect of Husband's Unemployment on Marital and Family Relations in Blue-Collar Families. *Family Relations*, 33(4), 503–511. <https://doi.org/10.2307/58382>
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal, and coping*. Springer.
- Machado, M. (2008). Aliança Parental, Coesão e Adaptabilidade Familiar ao Longo do Ciclo Vital da Família. [Dissertação de Mestrado não publicada]. Instituto Superior de Ciências da Saúde.
- Milne, S. J., Corbett, G. A., Hehir, M. P., Lindow, S. W., Mohan, S., Reagu, S., Farrell, T., & O'Connell, M. P. (2020). Effects of isolation on mood and relationships in pregnant women during the COVID-19 pandemic. *European journal of obstetrics, gynecology, and reproductive biology*, 252, 610–611. <https://doi.org/10.1016/j.ejogrb.2020.06.009>
- Narciso, I., & Ribeiro, M. T. (2009). *Olhares sobre a Conjugalidade*. Coisas de Ler.

- Neto, M. (2019). *Funcionamento familiar e conflito trabalho-família: estudo com enfermeiros, professores e outros profissionais*. [Unpublished master dissertation]. Instituto Superior Miguel Torga de Coimbra. https://repositorio.ismt.pt/bitstream/123456789/976/1/M%C3%A1rio%20Neto_%20Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado.pdf
- Olson, D. (2000). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of Family Therapy*, 22(2), 144-167. <https://doi.org/10.1111/1467-6427.00144>
- Olson, D. (2011). FACES IV and the circumplex model: Validation study. *Journal of Marital & Family Therapy*, 37(1), 64-80. <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2009.00175.x>
- Olson, D., Bell, R. & Portner, J. (1992). *FACES II. Family inventories manual*. Life Innovations.
- Olson, D. H., & Gorall, D. M. (2003). Circumplex model of marital and family systems. In F. Walsh (Ed.), *Normal family processes: Growing diversity and complexity* (p. 514–548). The Guilford Press. https://doi.org/10.4324/9780203428436_chapter_19
- Olson, D. H., & Gorall, D.M. (2006). *Faces IV & the circumplex model*. Life Innovations.
- Olson, D., Gorall, D., & Tiesel, J. (2004). *Faces IV package*. Life Innovations.
- Olson, D. H., Portner, J., & Lavee, Y. (1985). “*Faces III*”: *Family adaptability & cohesion evaluation scales*. University of Minnesota.
- Olson, D.H., Russell, C.S. & Sprenkle, D.H. (1989). *Circumplex Model: Systemic assessment and treatment of families*. Haworth Press.
- Olson, D., Sprenkle, D. & Russell, C. (1979). Circumplex modelo of marital and family systems I: cohesion and adaptability dimensions, family types, and clinical applications. *Family Process*, 18, 3-28 <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.1979.00003.x>
- Panzeri, M., Ferrucci, R., Cozza, A. & Fontanesi, L. (2020). Changes in sexuality and quality of couple relationship during the COVID-19 lockdown. *Frontiers in Psychology*, 11, 2523. <https://doi.org/10.1177/1948550621992973>
- Pocinho, M. (2012). *Metodologia de investigação e comunicação do conhecimento científico* (1ª ed). Lidel.

- Portugal, A.P.M. (2013). *O papel da comunicação no exercício da parentalidade: Avaliação da comunicação em famílias pós-divorcio*. [Unpublished doctoral dissertation]. Universidade de Coimbra.
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família: perspetiva sistémica*. Edições Afrontamento.
- Relvas, A.P., Portugal, A., Major, S., Sotero, L. (2020). *Resultados Preliminares sobre Impacto Psicossocial da COVID-19 em Portugal*. Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.
- Sachser, C., Olaru, G., Pfeiffer, E., Brähler, E., Clemens, V., Rassenhofer, M., Witt, A., & Fegert, J. M. (2021). The immediate impact of lockdown measures on mental health and couples' relationships during the COVID-19 pandemic - results of a representative population survey in Germany. *Social science & medicine*, 278. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2021.113954>
- Sampaio, D. (2008). *A razão dos avós*. Caminho.
- Samios, C., Pakenham, K. I., & O'Brien, J. (2015). A dyadic and longitudinal investigation of adjustment in couples coping with multiple sclerosis. *Society of Behavioral Medicine*, 49(1), 74–83. <https://doi.org/10.1007/s12160-014-9633-8>
- Sanderson, J., Kosutic, L., Garcia, M., Melendez, T., Donoghue, J., Perumbily, S., . . . Anderson, S. A. (2009). The measurement of outcome variables in couple and family therapy research. *American Journal of Family Therapy*, 37, 239-257. <https://doi.org/10.1080/0192618080240595>
- Schiavi, M. C., Spina, V., Zullo, M. A., Colagiovanni, V., Luffarelli, P., Rago, R., & Palazzetti, P. (2020). Love in the Time of COVID-19: Sexual Function and Quality of Life Analysis During the Social Distancing Measures in a Group of Italian Reproductive-Age Women. *The journal of sexual medicine*, 17(8), 1407–1413. <https://doi.org/10.1016/j.jsxm.2020.06.006>
- Schmid, L., Wörn, J., Hank, K., Sawatzki, B. & Walper, S. (2021) Changes in employment and relationship satisfaction in times of the COVID-19 pandemic: Evidence from the German family Panel. *European Societies*, 23. <https://doi.org/10.1080/14616696.2020.1836385>

- Sequeira, J., Cerveira, C., Silva, M. I., Neves, S., Vicente, H., Espírito-Santo, H. & Guadalupe, S. (em preparação, 2015). *Validation of FACES IV for the portuguese population*.
- Sequeira, J., Vicente, H.T., Daniel, F., Cerveira, C., Silva, M.I., Neves, S., Espírito Santo, H. & Guadalupe, S. (2021). Family adaptability and cohesion evaluation scale – version iv (FACES IV): validation study in the portuguese population. *Journal of Child and Family Studies* 30, 1650–1663. <https://doi.org/10.1007/s10826-021-01941-3>
- Silva, M. I. M. C. (2015). Validação da FACES IV: *O funcionamento da família em diferentes etapas do ciclo vital* [Unpublished master dissertation]. Instituto Superior Miguel Torga de Coimbra. <http://repositorio.ismt.pt/handle/123456789/593>
- Song, Z., Foo, M., Uy, M. A., & Sun, S. (2011). Unraveling the daily stress crossover between unemployed individuals and their employed spouses. *Journal of Applied Psychology*, 96(1), 151-168.
- Stanley, S. M. & Markman, H.J. (2020). Helping Couples in the Shadow of COVID-19. *Family Process*, 59(3), 937-955. <https://doi.org/10.1111/famp.12575>
- Tesser, A., Beach, S. R. H. (1998). Life events, relationship quality, and depression: An investigation of judgment discontinuity in vivo. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74(1), 36–52. <https://doi.org/10.1037//0022-3514.74.1.36>
- Twenge, J., Campbell, W., Foster, C. (2003). Parenthood and Marital Satisfaction: A Meta-Analytic Review. *Journal of Marriage and Family*, 65(3), 574-583.
- Wilcox, W. B. (2011). The great recession and marriage. The National Marriage Project
- Williamson, H. C., Karney, B. R., & Bradbury, T. N. (2013). Financial strain and stressful events predict newlyweds' negative communication independent of relationship satisfaction. *Journal of family psychology: JFP: journal of the Division of Family Psychology of the American Psychological Association (Division 43)*, 27(1), 65–75. <https://doi.org/10.1037/a0031104>
- Yalom, I. D. (2008). *The Theory and Practice of Group Psychotherapy* (5ª ed.). Basic Books.